

O "Adorno" da Mulher Cristã: proibição ou privilégio?

*Elizabeth Zekveld Portela**

É certo uma mulher cristã se enfeitar? Na maioria das igrejas contemporâneas são raros os pastores que sobem ao púlpito para dizer que não. Reconhecemos, porém, que existem algumas comunidades cristãs que sinceramente consideram que as mulheres devem evitar o uso de jóias, maquiagem e roupas vistosas e que controlam até o corte e o penteado dos seus cabelos. Qual a legitimidade dos adornos femininos? Qual a expressão real da modéstia cristã? E o que isso tem a ver com a percepção daquilo que a Bíblia realmente ensina sobre a natureza, o propósito e especialmente o valor das mulheres cristãs — tanto as do passado quanto as do presente? Ao pesquisarmos, verificamos que a interpretação dos textos pertinentes ao assunto tem sido, muitas vezes, afetada por pontos de vista preconcebidos, tanto pelos que aceitam quanto pelos que rejeitam adornos externos nas mulheres.

I. O DILEMA

Será que é possível uma mulher usar adornos externos ou um pastor temente a Deus permitir que as senhoras e moças da sua igreja se enfeitem sem ir de encontro às duas passagens bíblicas citadas para proibir o uso de todos ou certos adornos? Elas parecem ser tão claras e específicas!

1 Timóteo 2.9-10 diz: ... que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, *não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso*, porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas).

1 Pedro 3.3-6 declara: *Não seja o adorno das esposas o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível de um espírito manso e tranqüilo, que é de grande valor diante de Deus. Pois foi assim, também, que a si mesmas se ataviaram, outrora, as santas mulheres que esperavam em Deus, estando submissas a seus próprio maridos, como fazia Sara, que obedeceu a Abraão, chamando-lhe senhor, da qual vós vos tornastes filhas, praticando o bem e não temendo perturbação alguma.*

Quantos dos pastores que acatam os adornos femininos nos cultos podem dar uma explicação clara sobre essa atitude às suas igrejas? Quantos de nós têm certeza absoluta daquilo que estamos "aproovado," implicitamente, pelo uso? Ou estamos abrigando "dúvidas" e ainda assim procedendo por causa de comodidade ou vaidade? A Bíblia é clara quando diz que a falta de certeza sobre o nosso comportamento indica que estamos pecando, embora estejamos fazendo algo que talvez não seja pecaminoso em si (Rm 14.12, 22-23).

Existem centenas e milhares de mulheres no Brasil e pelo mundo afora, que amam a Deus de todo o coração, mas que sentem uma fisgada de desconforto e culpa quando lêem essas passagens. Perguntam a si mesmas se estão sendo carnisais, se estão falhando

na sua espiritualidade. Numa era em que seus maridos ou namorados estão cercados de mulheres que combatem a celulite, a gordura, as rugas e os cabelos brancos como inimigos mortais e na qual a humanidade valoriza intensamente a aparência física, elas não conseguem evitar arrepios ao pensar nas possíveis conseqüências de deixar de lado os próprios esforços em prol de uma aparência agradável. A maioria chega à conclusão que ficariam sem condições emocionais e sociais para continuar convivendo e trabalhando adequadamente nas esferas onde Deus as colocou. Ao olhar ao redor de si, notam que nenhum líder na sua igreja está advogando a abstenção dos adornos e cosméticos. Concluem que essas pessoas devem ter entendimento mais apurado do assunto e continuam como estão. Mas o sentimento de culpa continua, especialmente quando alguém lhes aponta esses versículos e lhes conclama a uma auto-defesa.

Enquanto isso, há outras tantas mulheres que realmente praticam a abstinência de qualquer enfeite externo (dentro dos limites estipulados por suas igrejas). Tendo entregue a vida a Deus, conseguem conviver relativamente bem com essa situação, especialmente porque encontram um sistema de apoio mútuo dentro dos seus círculos eclesiásticos. As suas vidas se entrelaçam quase inteiramente com o seu lar e com a sua igreja e as atividades desta. Sofrem muito, entretanto, quando tentam passar essas mesmas proibições às suas filhas que têm que conviver diariamente com um mundo que se nega a dar-lhes valor e que ri da sua falta de adornos e das suas roupas diferentes, nas escolas e nos empregos. Filhas que sofrem e olham para outras mulheres cristãs que não se abstêm e perguntam — "Porque elas podem, e eu não?" — e que são prontamente admoestadas por sua falta de amor a Deus e exortadas com frases do tipo "Enganosa é a graça e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada" (Pv 31.30) ou "Nós não queremos que a nossa filha seja confundida com uma Jezabel!"²

II. A Necessidade de Aprofundamento na Questão

É, portanto, urgente que haja uma verificação mais aprofundada do significado e da importância dos textos principais que se referem a esse assunto. É extremamente relevante também porque o texto de 1 Timóteo está enraizado nas orientações específicas de Paulo a respeito do comportamento de homens e mulheres nas igrejas, especialmente na área de liderança. A outra determinação se encontra em meio aos conselhos de Pedro, a ambos os sexos, sobre a vida no lar. Trata-se de áreas extremamente polêmicas nas igrejas e no mundo em que vivemos porque muitos têm chegado à conclusão de que esses versos eram condicionados a um tempo que já passou e portanto não se aplicam aos dias de hoje.³ Como evitar o desprezo de parte de uma passagem se nós mesmos não conseguimos explicar a razão pela qual seguimos ou não seguimos a aparente instrução da outra parte?

Existe muita confusão a respeito da autoridade masculina na igreja e no lar porque a liderança masculina nas igrejas tem, vezes demais, se mostrado indiferente ao valor, sentimentos e dons das mulheres com que convivem, deixando pouco ou nenhum espaço para a sua expressão, inclusive na área dos adornos. Começando pelos Pais da Igreja, passando por expoentes da Reforma e por grande número de teólogos e comentaristas de renome, verificamos negligência e omissão em algumas áreas do seu lidar com a metade feminina do povo de Deus.⁴ Em muitas ocasiões, a legítima liderança amorosa masculina se deteriorou num domínio arrogante e agressivo, baseado em pressuposições errôneas de superioridade.⁵ Se tivessem sido mais compreensivos e dado igual atenção nos seus sermões e escritos ao exemplo de Jesus quando lidava com as mulheres e às orientações de Pedro (e de Paulo também – Ef 5.25-33; Cl 3.19) para os homens,⁶ a situação atual

talvez fosse bem diferente.

III. Preconceitos, Prescrições e Omissões

A. A Tendência Judaica

Os Pais da Igreja não se desviaram da opinião judaica a respeito de mulheres, prevalecente no período apostólico. Filo de Alexandria, um contemporâneo de Paulo e Pedro, declarou:

...a fêmea é imperfeita, sujeita, vista mais como o parceiro passivo do que o ativo. E já que os elementos dos quais consistem a nossa alma são dois – a parte racional e a parte irracional – a parte racional pertence ao sexo masculino, sendo a herança de intelecto e razão; mas *a parte irracional pertence ao sexo feminino*, e também os sentidos externos. E a mente é em cada respeito superior ao sentido externo, como é o homem à mulher."⁷

Na compilação das tradições orais preservadas pelos judeus, os homens eram encorajados a agradecer a Deus diariamente por não tê-los feito "nem gentio, nem mulher, nem escravo."⁸ No templo em Jerusalém as senhoras não podiam passar do átrio das mulheres,⁹ um isolamento até considerado natural pela maioria dos comentaristas, mas que, na realidade, não existia no plano divino para o tabernáculo (1 Sm 1.9-10) e nem no primeiro templo (1 Cr 28.11,19; 1 Rs 5-8), refletindo tão somente o preconceito do judaísmo. Paradoxalmente, os adornos parecem ter sido amplamente utilizados nesse período.¹⁰

B. A Tendência Patrística

Não existe registro de como os líderes das igrejas que receberam as cartas de Paulo e Pedro interpretaram e aplicaram as suas palavras nos textos já mencionados. Mas os Pais da Igreja dos séculos subseqüentes tornaram-se totalmente contrários ao uso do adorno feminino. Tertuliano (160-220 DC) reclamou sobre as mocinhas: "Elas consultam o espelho para ajudar a sua beleza, gastam a pele do rosto de tanto lavar, tentando tornar o mesmo sedutor com cosméticos, arrogantemente jogam uma capa por cima dos ombros, colocam seus apertados sapatinhos multiformes e levam bem mais acessórios quando vão ao banho."¹¹ Cipriano (c. 250 DC) ensinou que "os adornos e as roupas vistosas e as seduções da beleza pertencem apenas a prostitutas e mulheres desvergonhadas, e a vestimenta mais cara acompanha aquela cuja modéstia é a mais barata."¹² Jerônimo (340-420 DC) perguntou: "Qual o lugar de ruge e chumbo branco no rosto de uma senhora crista?... Servem apenas para inflamar as paixões dos homens jovens, para estimular a lascívia e para indicar uma mente impura."¹³ Eram homens de peso na história da igreja cristã — mas quase todos com tendências ascéticas.

C. Nosso Propósito

Neste ensaio, tentaremos estabelecer que Paulo e Pedro *não* estavam *proibindo* o uso de adornos pelas mulheres, mas que, ao contrário, eles estavam *contrastando* o legítimo *adorno externo* com algo bem mais valioso – o *adorno interno*. Verificaremos de forma resumida e geral o que a igreja tem ensinado a respeito disso durante os dois milênios que se passaram. Examinaremos os versos nos seus contextos histórico, bíblico, teológico e textual. Ao mesmo tempo, procuraremos conhecer um pouco melhor tanto as intenções dos apóstolos quanto a natureza das mulheres da época, para podermos nos aproximar mais da sua realidade e então compará-la à nossa situação atual.

IV. O CONTEXTO HISTÓRICO DAS PASSAGENS

As passagens polêmicas fazem parte integral de duas cartas escritas pelos apóstolos Paulo e Pedro no início dos anos 60 D.C.¹⁴ Paulo endereçou a sua carta ao seu *filho na fé* Timóteo, que se encontrava na cidade de *Éfeso* supervisionando as igrejas da *Ásia*,¹⁵ enquanto que *os eleitos ... forasteiros da Dispersão, no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia* receberam os conselhos e admoestações de Pedro (1 Pe 1.1), quase ao mesmo tempo. Em circulação entre essas pessoas provavelmente já estavam as cartas de Paulo aos Gálatas, Efésios, Colossenses e a Filemom, como também a carta de Tiago "às doze tribos que se encontram na Dispersão" (Tg 1.1).

A. O Império Romano

Nesse período, na cidade de Roma (onde Paulo esteve e Pedro estava), o desequilibrado imperador Nero (37-68 DC) manipulava o Império Romano. Existia uma sensação de instabilidade muito grande.¹⁶ Apesar da existência de leis e de um sistema de justiça tão bom que formou a base de muitos códigos civis da nossa atualidade, sabia-se que a vida de um ser humano valia muito pouco para os conquistadores.¹⁷ Outra evidência da degradação humana reinante podia ser vista nos divertimentos oferecidos nas principais cidades do império, onde os romanos haviam construído anfiteatros ou estádios. Eram violentos e brutais. Nos combates entre feras, milhares de animais morriam anualmente. Mas o gosto pelo derramamento de sangue se satisfazia mais terrivelmente ainda com a luta entre gladiadores, onde prisioneiros de guerra, escravos e criminosos eram armados e forçados a lutar até o fim. O vencido era morto.¹⁸

Em 64 DC, haveria um incêndio enorme em Roma. Muitos responsabilizariam Nero. Ele, por sua vez, acusaria os cristãos da cidade. Assim, a mando de Nero, apenas dois ou três anos depois de Paulo e Pedro terem escrito essas cartas, muitos cristãos seriam lançados às feras ou colocados, desarmados, para enfrentar gladiadores diante de milhares de espectadores nos anfiteatros de Roma.¹⁹ Seria o início de perseguições esporádicas pelo governo romano que durariam dois séculos e meio. Diz a tradição que os dois apóstolos foram mortos durante as perseguições neronianas.²⁰

Na sociedade romana sob a influência de Nero (e dos seus antecessores), havia uma constante procura por excelência na qualidade e na estética, como também um interesse por novidades. Sendo grande amante das artes, Nero dava grande valor às coisas e pessoas bonitas. Nunca usava a mesma roupa duas vezes.²¹ Assim, a alta sociedade da época se preocupava com a sua aparência ainda mais que as gerações anteriores, e isto ocorria não somente na cidade de Roma mas em todo o império. Os gostos e costumes das mulheres romanas tornaram-se "chiques." Conhecer e satisfazer as tendências e as preferências romanas era vital para todos aqueles na Ásia Menor que trabalhavam com o

comércio e também para aqueles que se destacavam na alta sociedade.

B. Ásia Menor

A província romana da *Ásia* se encontrava na enorme península denominada subseqüentemente como *Ásia Menor*, hoje conhecida como Turquia. *Ponto, Galácia, Capadócia e Bitínia* eram outras províncias romanas nessa mesma península. Juntamente com a *Ásia*, abrangiam a quase totalidade da *Ásia Menor*, excetuando a área costeira do sul.²²

O fato pode surpreender, mas a província da *Ásia* foi a parte mais próspera do Império Romano durante os dois primeiros séculos da era cristã. Era a maior fonte da riqueza de Roma e várias rotas de caravanas que traziam os tesouros do Oriente (como algodão e seda) findavam na sua capital, Éfeso, centro político, comercial e cultural da área.²³ Militares e governantes eram enviados de Roma até lá regularmente para manter as leis e a ordem, e também para supervisionar o comércio. Alguns traziam as suas famílias.

Tanto a *Ásia* quanto grande parte da *Ásia Menor* daquele período (especialmente no litoral) gozavam de um passado e presente cultural do mais alto nível. Para dizer a verdade, esse não seria igualado novamente no mundo ocidental até a renascença européia dos séculos XV e XVI.²⁴ Apesar de já estar sob domínio romano por quase dois séculos (desde 133 AC), a península era essencialmente grega, pois havia sido colonizada pelos gregos no século VIII AC. Muitos dos filósofos, cientistas e artistas da antigüidade que admiramos e conhecemos como "gregos" realmente não eram do continente europeu, mas daqui, já bem antes do período apostólico.²⁵ Algumas das esculturas "gregas" mais conhecidas através da história foram feitas por artistas da *Ásia Menor*.²⁶ Três das "Sete Maravilhas do Mundo Antigo" encontravam-se na *Ásia*.²⁷

V. AS MULHERES DA ÁSIA MENOR

Já que ambas as missivas se destinaram primariamente a cristãos da *Ásia Menor*, cabe analisarmos as mulheres dessa área, citadas nominalmente nos escritos neo-testamentários, como representantes daquelas que estavam sendo instruídas pelos dois apóstolos. Dentre essas, encontramos Eunice, Priscila, Lídia, Áfia e Ninfa. Todas tinham ligações concretas com as igrejas ou províncias que receberam as instruções originais sobre o verdadeiro adorno feminino. Provenientes das quatro principais culturas que já estavam convivendo lado a lado na *Ásia Menor* por dois séculos ou mais, eram de ascendência romana, grega, judaica ou autóctone, com variado grau de integração com as culturas nas quais viviam. Um exame mais aproximado fará com que elas e as suas irmãs em Cristo possam tornar-se mais reais e relevantes para nós.

A. Mulheres Diversas com Personalidades Marcantes

Eunice (mãe de Timóteo) era uma mulher *judia* instruída e inteligente, com uma fé exemplar, casada com um incrédulo *grego*, de classe alta, que morava numa colônia romana da *Ásia Menor* e convivia com pessoas simples do *interior* (os licaônios) (At 16.1; 2 Tm 1.5, 3.15).²⁸

Priscila representa uma mulher romana ou *judia*, de classe média ou alta, forte, inteligente e corajosa, provavelmente poliglota e instruída, bem casada com um judeu da *Ásia Menor* que, por causa da sua fé, enfrentou perseguições e aprendeu a viver bem em Roma, na Grécia e na *Ásia Menor*, absorvendo e refletindo aspectos significativos das três

culturas (At 18.1-26; Ro 16.3-5; 1 Co 16.19; 2 Tm 4.19).²⁹

Lídia (At 16.12-40) era uma mulher *grega* proveniente da cidade de Tiatira, na *Ásia Menor*. Ela vivia numa colônia *romana* e seguia a religião *judaica*. A sua profissão era ligada ao *vestuário dispendioso* (a venda de *púrpura*). Quando converteu-se à religião *cristã*, ela aparentemente *conservou a sua profissão e atividades*.

Deduzimos que *Ninfa* (de Laodicéia – Cl 4.15) e *Áfia* (de Colossos – Fm 1.2) eram mulheres ricas pois tinham casas suficientemente grandes para hospedarem igrejas. Conviviam com escravos cristãos (Cl 3.22-4.1). Provavelmente, eram de origem local (*frígia* – já bem aculturadas) ou *grega*.³⁰

Observamos que todas essas cinco senhoras foram mencionadas com carinho e admiração por Paulo ou Lucas. Outros tipos de mulheres também se faziam presentes nas igrejas citadas. Além das esposas de homens descrentes ou infiéis (especificamente endereçadas nas instruções de Pedro) também estavam as filhas, mães ou irmãs destes. E não devemos supor que todas as mulheres participantes dos cultos eram convertidas, pois poderiam estar ali por convite das amigas, por obrigação (em submissão aos pais ou maridos) ou até terem sido batizadas após a conversão do homem da casa). Realmente não eram tão diferentes das senhoras e moças da atualidade, como pode nos parecer à primeira vista.

B. A Moda Romana

Ao nosso ver, as técnicas e produtos daqueles dias podem parecer muito artesanais e simples, comparados aos atuais. Mas as mulheres da *Ásia Menor* estavam vivendo num clima de crescente criatividade e desenvolvimento cultural. Este duraria até o declínio do império romano e não voltaria por mais mil anos.³¹ O exército romano mantinha a paz – a famosa *Pax Romana* – na maior parte do império. Produtos e pessoas cruzavam terra e mares com maior facilidade. O mercado para os tecidos e corantes asiáticos crescia e os comerciantes e os fabricantes tinham que inovar e melhorar para continuar garantindo o seu espaço no mercado mundial. Nota: A cidade de Laodicéia era famosa por sua lã negra e lustrosa, proveniente de ovelhas negras. Colossos era conhecida pela lã peculiarmente arroxeadada. Tiatira era especializada em tinturaria.³² O nome para bordador em Roma era *phrygio*, de tão famoso que eram os bordadores da área de *Frígia*.³³ Também era importante o controle dos produtos que chegavam mais e mais de países distantes (*Pérsia*, *Índia*, *China*) pelas caravanas. Ao mesmo tempo, as mulheres romanas tinham mais e melhores condições para acompanharem os seus maridos, trazendo consigo as últimas novidades.³⁴ O conhecimento da última moda romana chegava constantemente a todas as principais cidades do império através das esposas e filhas dos governantes e militares de cada província e país. Como lavadeiras, costureiras, escravas, empregadas domésticas ou artesãs, como esposas ou filhas de comerciantes e artesãos, ou como parte da alta sociedade local, a maioria das mulheres tinha contato direto ou indireto com os costumes romanos.

Em meio a todas elas estavam muitas mulheres cujos maridos certamente eram fabricantes, comerciantes ou transportadores de roupas e produtos de beleza há anos. A renda da família poderia depender tanto dos produtos locais quanto daqueles que passavam pelas rotas das caravanas ao longo das quais estavam localizadas quase todas as cidades visitadas por Paulo. Considerando que o mercado principal era o romano, grande parte das mulheres locais já havia se adaptado ao domínio e às práticas romanas (com a exceção provável de umas poucas judias recém-imigradas³⁵ e algumas mulheres

nas áreas mais afastadas). O intercâmbio cultural era intenso e se não chegavam a seguir todas as tendências, pelo menos sabiam delas e muitas vezes viviam delas. Assim sendo, podemos imaginar a filha de um comerciante de tecidos tentando convencer o pai de que precisava de alguns metros do linho fino importado, ou a de uma costureira deslizando os dedos sobre uma seda macia enquanto sonha com o olhar apaixonado de um belo rapaz. Enquanto isso, as escravas das mulheres ricas ou aspirantes receberiam ordens para descobrir os segredos da "beleza" das romanas. Nas reuniões e festas, *status* e aceitação poderiam depender da sua aproximação aos valores ditados pela moda romana. Lídia e Priscila e as nossas outras três mulheres sempre haviam convivido com essa situação. Paulo também a conhecia.

VI. O EFEITO DO CRISTIANISMO NAS MULHERES DA ÁSIA MENOR

Era essa, pois, a situação em que se encontravam as mulheres cristãs da Ásia Menor. Várias raças, diversas línguas, religiões e culturas, modernidade ao lado de "atraso," e luxo e riqueza emparelhados com simplicidade ou pobreza. Mulheres nascendo, casando, criando filhos, enviuvando, trabalhando, sonhando, criando. Algumas haviam nascido em religiões variadas que não satisfaziam e que pouco se preocupavam em prover-lhes felicidade e sentido para a vida, especialmente por serem mulheres.³⁶ Outras, como Eunice, já conheciam e respeitavam o Deus verdadeiro desde pequenas. Mas até para ela, e talvez principalmente para ela, a mensagem salvadora dos apóstolos significaria uma imensa e maravilhosa transformação e alegria.

O cristianismo estava tendo implicações enormes na estrutura das sociedades nas quais entrava. A pregação dos apóstolos significava uma mudança de vida tão radical que eles foram acusados de estarem *transtornando* o mundo, enquanto estavam na Grécia (At 17.6). E era verdade! Pela primeira vez na história humana, barreiras tradicionais que sempre haviam existido estavam sendo abertamente derrubadas. Analfabetas, letradas, escravas, servas, donas de casa, artesãs, esposas de comerciantes, "socialaites" e até ex-prostitutas poderiam estar sentadas lado a lado para adorar ao mesmo Deus e para aprender como agradá-lo. Maltratadas e bem-cuidadas, cansadas e animadas, ricas e pobres, solteiras, casadas e viúvas – elas repentinamente faziam parte da mesma família. Eram irmãs, filhas adotadas por um mesmo Pai da maneira como elas eram. E não somente as barreiras sociais estavam sendo desfeitas: também as culturais e nacionais haviam de ser esquecidas no convívio entre gregas, judias, romanas e locais. Paulo resumiu tudo isso na sua carta aos Colossenses (habitantes da província da Ásia), quando disse que na igreja "não importa a nacionalidade, a raça, a educação ou a posição social de alguém: estas coisas não significam nada. O que importa é se a pessoa tem Cristo ou não..." (Cl 3.11, *Bíblia Viva*)

Timóteo e os outros pastores estavam confrontando situações jamais vistas antes. Com a quebra dessas barreiras, um grande número de pessoas (e de senhoras) talvez estivesse sem entender os limites da sua nova liberdade. As epístolas de Paulo, Pedro e Tiago lidam com muitos dos problemas que surgiram. E um deles é o assunto do qual estamos tratando — com Paulo e Pedro determinando qual deveria ser o comportamento das mulheres nas igrejas e nos lares da Ásia Menor.

VII. A APROVAÇÃO IMPLÍCITA DE ORNAMENTOS NA BÍBLIA

Antes de voltarmos aos textos de 1 Timóteo e de 1 Pedro, interessa, em primeiro lugar, verificar o que indicam algumas das muitas referências sobre jóias, adornos e a beleza

feminina constantes da revelação divina encontrada no restante da Bíblia.

Abraão, marido de Sara, aquela que Pedro elogia como exemplo de *mulher santa*, enviou jóias e vestidos para a futura esposa do seu filho, Isaque. "Tomou o homem um pendente de ouro de meio siclo de peso, e duas pulseiras para as mãos dela, do peso de dez siclos de ouro...Tirou jóias de ouro e de prata, e vestidos, e os deu a Rebeca" (Gn 24.22,47,53). Deus abençoou todos os passos para a realização desse matrimônio.

Deus permitiu que os israelitas recebessem jóias e roupas do povo do Egito (Ex 12.35) e aceitou com agrado a contribuição voluntária de uma parte destas para serem transformadas em utensílios e enfeites para o tabernáculo, o lugar em que ele seria adorado (Ex 35.22, 23; 28.17-20). Moisés transmitiu a mensagem: "*Tomai, do que tendes, uma oferta para o Senhor; cada um, de coração disposto, voluntariamente a trará por oferta ao Senhor: ouro, prata, bronze, estofos azul, púrpura, carmesim, linho fino, pêlos de cabras, peles..., pedras de ônix e pedras de engaste...*" (Ex 35.5-9). Êxodo 35 a 39 descreve a beleza desse tabernáculo e os detalhes das vestes dos sacerdotes, tudo do melhor e do mais bonito. Ouro, linho, pedras preciosas, anéis, argolas, coroa... Quando os israelitas tiraram o espólio do povo de Canaã, Deus nunca deu ordens para que deixassem de lado as jóias e roupas bonitas que estariam entre as riquezas que poderiam levar, nem que as aproveitassem de outra maneira. "Voltai às vossas tendas com grandes riquezas, com ... *prata, ouro,...* e *multíssima roupa*, reparti com vossos irmãos o despojo dos vossos inimigos" (Js 22.8).

No livro de Cantares de Salomão, que por muitos é considerado tanto um poema sobre o amor humano quanto uma expressão do amor entre Deus e o seu povo, Salomão falou à sua amada: "Formosas são as tuas faces entre os teus enfeites, o teu pescoço com os colares" (Ct 1.10). Em Provérbios 11.9 e 25.12 a instrução dos pais e a palavra do sábio repreensor foram comparadas a um "diadema de graça para a tua cabeça, colares para o teu pescoço, e pendentes e jóias de ouro puro." A tão admirada mulher virtuosa de Provérbios 31 vestia-se de "linho fino e de púrpura" (v. 22) e conseguiu vestir a sua família com uma vistosa "lã escarlate" (v. 21). Seu valor excedia o de "finas jóias" (v. 1).

Quando Deus descreveu o seu amor para com o povo de Israel (Ez 16.8-14), ele disse:

Também te vesti de *roupas bordadas*, e te calcei com peles de animais marinhos, e te cingi de *linho fino* e te cobri de *seda*. Também te *adornei* com *enfeites*, e te pus *braceletes* nas mãos e um *colar* a roda do teu pescoço. Coloquei-te um *pendente* no nariz, *arrecadas* nas orelhas, e linda *coroa* na cabeça. Assim foste *ornada de ouro e prata*; o teu vestido era de *linho fino, de seda, e de bordados*;... eras *formosa* em extremo e chegaste a ser rainha. Correu a tua fama entre as nações por causa da tua *formosura*, pois era *perfeita*, por causa da minha glória que eu pusera em ti.

Em Isaías 61.10, a beleza da salvação foi comparada à da "noiva que se enfeita com as suas jóias," enquanto que em Apocalipse 21.2 a Nova Jerusalém está "ataviada como noiva adornada para o seu esposo." As pérolas foram consideradas coisas de valor por Jesus em Mateus 7.6 e por Deus em Apocalipse 21.21.

É verdade que as citações acima são descritivas e não prescritivas. Deus, nessas passagens, não fez nenhuma declaração específica aprovando ou encorajando os adornos femininos. Mas é importante notar que ele também não os proibiu. Nas passagens em

que Deus castiga as mulheres do seu povo, tirando os seus adornos, a razão dada é que elas os haviam usado de maneira imprópria (Ez 16). Não há declaração de que esses sejam errados em si. No mesmo capítulo, a mulher que representa Judá seria *despida* dos seus *vestidos* enquanto que as *suas finas jóias* seriam tomadas por causa da sua *lascívia* e *prostituição*. Não somente seus vestidos de luxo seriam tirados, mas toda a roupa, pois ela ficaria completamente *nua e descoberta* (v. 39), e ninguém disputa a propriedade de se usar roupa.

Também em Isaías 3.16-24 "as filhas de Sião" estavam sendo *altivas*, andando *de pescoço emproado, de olhares impudentes*, e de *maneira vergonhosa* (como as de Sodoma). Deus então catalogou uma lista completa dos objetos para embelezamento que ele iria tirar delas – uma lista que tem sido usada por muitos comentaristas do passado para resumir tudo que pensam que Deus não aprova (apesar de falar também de *mantos, espelhos, bolsas e véus*). Mas basta reler o início de Ezequiel 16 para sentir como Deus estava validando e se identificando com o profundo anseio das mulheres que ele mesmo imaginou e criou de serem bonitas e admiradas. Observemos que é com os lindos objetos de *adorno* que ele *completa a perfeição da formosura* dessa mulher que representa o seu povo amado. Aquela mulher bonita (e adornada), entretanto, não deveria se esquecer de que a sua beleza foi dada e permitida por Deus com o propósito de ser usado para refletir a sua glória: "*Correu a tua fama... por causa da minha glória que eu pusera em ti*" (v. 14). Foi quando as mulheres se desviaram desse propósito e *confiaram* na sua própria *formosura* que os adornos foram retirados.

As passagens acima demonstram que se Deus tivesse aversão ao adorno externo feminino, ele teria usado essas ocasiões, que seriam óbvias, para avisar ao seu povo que ele não queria o uso desses enfeites. De fato, personagens bíblicas deram, usaram e receberam jóias, enfeites e roupas bonitas sem recriminação da sua parte. Ele embelezou o seu tabernáculo e os sacerdotes com jóias e adornos. O maior exemplo do significado das sublimes bênçãos divinas, que ele mesmo mencionou, é o do homem que procura satisfazer à sua amada, cobrindo-a de adornos por inteiro. Ele conclui a sua revelação aos seus filhos descrevendo a beleza da sua igreja e da futura Jerusalém, usando a noiva enfeitada como a ilustração mais adequada.

VIII. ANÁLISE DOS TEXTOS DA CONTROVÉRSIA

Voltemos agora aos textos da controvérsia. Paulo e Pedro, falando a senhoras e moças nas igrejas recém-formadas, compararam dois tipos de "adornos." Aparentemente, os dois condenaram o primeiro tipo, o "adorno exterior." Mas olhemos, com muita atenção, algumas outras passagens da Bíblia (escolhidas dentre muitas) em que também são feitas comparações ou contrastes.

A. Comparações em Outros Textos

No Antigo Testamento, em Gênesis 45.8, José falou: "*...não fostes vós que me enviastes para cá, e, sim, Deus...*" Assim, à primeira vista, poderíamos concluir que os irmãos de José não o mandaram para Egito. Mas, um pouquinho antes (no v. 4), José já havia dito: "Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito."

No Salmo 51.16-17, o rei Davi expressa a sua imensa contrição pelos pecados de adultério e de homicídio cometidos por ele e faz as seguintes declarações ao seu Deus: "Pois não te comprazes em sacrifícios, do contrário eu tos daria; e não te agradas de holocaustos. Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração

compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus."

No Novo Testamento, podemos estranhar algumas declarações de Jesus. Em Lucas 14.12 ele ensina: "Quando deres um jantar ou uma ceia, *não convides os teus amigos... nem teus parentes... antes convida os pobres...*" Depois, em João 6.27, ele aconselha: "*Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna...*" Falando de Lázaro em João 11.4, Jesus diz: "*Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus.*"

Por que Davialaria que Deus não se compraz com sacrifícios e holocaustos quando todos nós sabemos que a "Bíblia" dele estava repleta de instruções sobre como e quando oferecê-los?³⁷ Podemos concluir que Jesus proibiu que convidemos os nossos amigos para jantar em nossa casa quando ele mesmo freqüente e alegremente aceitou convites para jantar (Lc 7.36; Jo 12.2) e organizou a "última ceia" para celebrar a Páscoa com seus amigos mais íntimos (Lc 22.7-23)? Se não devemos trabalhar pelo nosso sustento, Paulo estaria contradizendo Jesus quando ele ordenou que aquele que não quisesse trabalhar não deveria ser alimentado e exortou as pessoas preguiçosas a trabalharem para comer (2 Ts 3.10-12)? Se Lázaro não morreu, como explicar a revelação posterior de Jesus (Jo 11.14) quando afirmou claramente: "*Lázaro morreu*"?

B. Expressões Idiomáticas nas Línguas Semíticas

A resposta ao enigma aparente é simples. Acontece que estamos lidando com expressões idiomáticas freqüentemente usadas pelos judeus.³⁸ Em muitas ocasiões, quando queriam *comparar ou contrastar* duas coisas, eles deixavam de lado as palavras limitadoras e falavam coisas opostas para enfatizarem o que queriam dizer. Muitas vezes diziam "*não... mas*" ou "*não... sim*," quando o significado real era "*nem tanto... mas muito mais*" ou "*não primariamente (ou meramente ou apenas)... mas especialmente (ou muito mais ou também)*."³⁹ Todo mundo quase sempre entendia isso da maneira como deveria ser entendido. Mas a nossa língua não funciona assim e quando a Bíblia foi traduzida para o português (e para muitas outras línguas), os tradutores, nesses casos, deixaram o entendimento para o nosso bom senso, em vez de adicionar palavras àquelas que se encontravam no texto original.

1. Aplicação aos Outros Textos

Podemos e devemos concluir que há uma expressão idiomática nessas passagens. Voltando ao Salmo 51, lemos logo depois, no versículo 19: "*Então te agradarás dos sacrifícios de justiça, dos holocaustos e das ofertas queimadas; e sobre o teu altar se oferecerão novilhos.*" Davi estava ciente de que, naquela hora, "Deus não poderia se agradar de *meros* sacrifícios externos — das ofertas de sangue em si, desacompanhadas da expressão de penitência genuína."⁴⁰ Eis a palavra chave com a qual o primeiro versículo pode fazer sentido. Assim, podemos parafrasear o texto da seguinte maneira: "Pois não te comprazes em *meros* sacrifícios, do contrário eu tos daria; e não te agradas *meramente* de holocaustos. Sacrifícios *muito mais* agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus."

Voltando aos outros versículos, colocaremos as palavras que farão com que as declarações tenham mais sentido em nossa língua:

"Assim *não* fostes (*apenas, meramente ou tanto*) vós que me enviastes para cá, *mas*

muito mais (em primeiro lugar) Deus."

"Quando deres um jantar... *não* convides (*apenas ou sempre*) os teus amigos, ... *mas* convida *especialmente* os pobres."

"Trabalhai, *não* (*primariamente ou meramente*) pela comida que perece, *mas especialmente* pela que subsiste para a vida eterna."

"Esta enfermidade *não* é (*somente ou primariamente*) para morte, *mas especialmente* para a glória de Deus."

2. Aplicação aos Textos de 1 Timóteo e 1 Pedro

Seguindo nessa mesma linha de raciocínio, os nossos versículos sobre o adorno poderiam ser entendidos da seguinte maneira:

Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, *não tanto* com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, *mas muito mais* com boas obras...

Não seja o adorno das esposas *primariamente* o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; *mas muito (infinitamente!) mais* o homem interior do coração, unido ao incorruptível de um espírito manso e tranqüilo, que é de grande valor diante de Deus...

Pode-se, entretanto, argumentar que essas cartas foram escritas em grego e que, se isso é uma expressão idiomática semítica, por que estaria presente nessa língua? É preciso, porém, observar que existem outras passagens gregas no Novo Testamento que chamam para si interpretações semelhantes, indicando que essa questão é muito mais de estrutura de pensamento hebraica, que permanece inalterada mesmo quando os autores se expressam em grego, do que uma questão linguística. O apóstolo João em 1 João 3.18 declara: "*Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.*" O mesmo ocorre com a declaração de Paulo em 1 Coríntios 15.10.

Ao examinarmos na Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento usada nas sinagogas da Ásia Menor) os textos anteriormente citados (Salmo 51 e Gênesis 45), verificamos que ela traslada para o grego, de forma semelhante e com os mesmos negativos utilizados por Pedro, a expressão idiomática que está presente no texto hebraico. Sabemos, também, que Paulo e Pedro não somente nasceram e cresceram usando o hebraico/aramaico, mas que continuavam constantemente tendo contato com pessoas que usavam e falavam esses idiomas.⁴¹ Resumindo, pois, constatamos que (pelo menos à exceção dos textos em debate) não há proibição do uso de adornos em nenhum lugar da Bíblia e que há ampla descrição da existência e do uso desses entre o povo de Deus. Observamos, também, que a adição de certas palavras tem sido necessária, às vezes, em várias porções da Palavra, para que não haja distorções na mensagem de Deus. Provamos que existe a *possibilidade* de que Paulo e Pedro⁴² tenham utilizado a maneira semítica usual para enfatizar esse contraste entre o "adorno" físico e o espiritual. Vamos, agora, analisar outras interpretações desses textos, e observar o contexto geral das Escrituras sobre as questões do legalismo e da beleza, para concluirmos que o nosso

entendimento da questão realmente se enquadra na intenção dos autores.

IX. ANÁLISE DE OUTRAS INTERPRETAÇÕES

A. Interpretações que Proíbem os Adornos Femininos

Os dois escritores do Novo Testamento poderiam realmente estar transmitindo uma *nova* orientação de Deus ou, talvez, uma orientação *mais clara ou abrangente*. Conseqüentemente, uma das marcas das mulheres participantes da Nova Aliança seria uma completa (ou quase completa) ausência de adornos e enfeites. Assim, os termos *decência* e *modéstia* (1 Tm 2.9) acabavam de ser melhor definidos.

Como já vimos, essa tem sido a conclusão de muitos teólogos e comentaristas desde os primeiros séculos da era cristã até aos dias de hoje.⁴³ Outros procuram amenizar a aparente força das palavras de Paulo e Pedro observando que Paulo estava falando primariamente sobre as mulheres no culto e Pedro sobre as esposas, e assim sugerem que as diretrizes talvez se limitem aos dois ambientes citados.⁴⁴

Alguns nutrem a noção de que Pedro e Paulo realmente estavam proibindo os adornos, mas que essas instruções dos apóstolos tratavam de situações restritas àquele tempo e portanto não são normativas para as mulheres cristãs dos séculos XX (e XXI).⁴⁵ Para concluir, existem ainda aqueles que questionam tanto a própria autoria de Paulo e Pedro quanto a divina inspiração das suas cartas. Para esses que desconsideram a autoridade eterna da Palavra, não existe nenhuma dificuldade ou utilidade maior no texto além da avaliação do efeito histórico.⁴⁶

B. Interpretações que Permitem (ou Toleram) os Adornos Femininos

Por outro lado, temos Kistemaker e outros que concluem que Paulo e Pedro não tinham a mínima intenção de fazer com que as mulheres se abstivessem do embelezamento pessoal, ou que andassem fora da moda, mas que não explicam como então ler o texto sem ignorá-lo. Ele escreve: "Pedro não diz que a mulher deve se abster dos adornos. Ele não proíbe o uso de cosméticos, nem o uso de trajes atraentes. A ênfase de Pedro não é na proibição mas num senso apropriado de valores."⁴⁷ Mas não explica! Hendriksen deixa um espaço aberto para os adornos externos quando traduz o início de 1 Timóteo 2.9 "que as mulheres se *adornem com trajes de adorno* com modéstia e bom senso...", e completa: "É claro, portanto, que o apóstolo não condena o desejo da parte de moças e mulheres – um desejo criado nas suas almas por seu Criador – de se adornarem, de usarem de 'bom gosto'."⁴⁸ Mas não explica!

Com relação à autoria e autoridade das epístolas, nos unimos àqueles que consideram que os ensinamentos desses textos bíblicos procedem realmente de Paulo e Pedro, sob a inspiração do Espírito Santo, e que continuam sendo normativos. Temos certeza, porém, de que eles não estavam iniciando *uma nova fase* na qual qualquer tipo de adorno era categoricamente proibido às mulheres tementes a Deus. Cremos que, realmente, estamos lidando com uma expressão idiomática semítica em ambos os textos, e que o adorno externo *não estava* sendo proibido. A seguir, citamos algumas razões.

X. UMA AVALIAÇÃO MAIS AMPLA

A. As Proibições não Condizem com os Outros Ensinamentos de

Paulo e Pedro

A proibição categórica contra os enfeites femininos não condiz com qualquer outro ensino registrado dos dois apóstolos. Em nenhum outro lugar, Paulo e Pedro proibiram ou exigiram qualquer ação ou atitude que não fosse ligada especificamente à ordem da criação ou à lei moral de Deus.⁴⁹ Na mesma carta a Timóteo (4.1-5), Paulo já alertou contra aqueles que *"proíbem o casamento,⁵⁰ exigem abstinência de alimentos, que Deus criou para serem recebidos, com ações de graça, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade; pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graça, nada é recusável, porque pela palavra de Deus, e pela oração, é santificado."* Chegou a dizer que as pessoas que ensinam a prática do ascetismo terão apostatado da fé, por terem obedecido *"a espíritos enganadores e a ensinos de demônios"* (v.1).

1. O Perigo do Ascetismo e do Legalismo

Sob a orientação do Espírito (*o Espírito afirma expressamente, 1 Tm 4.1*), Paulo estava preparando os novos crentes para não se perderem num novo legalismo. Tanto os homens quanto as mulheres teriam que aprender a se preocupar primariamente com o espírito da lei – a lei do amor a Deus e ao próximo. Ele empreendeu uma campanha tremenda contra o legalismo dos judaizantes e contra aqueles que pretendiam introduzir ou impor o ascetismo (a auto-negação) na nova fé cristã. Romanos 14 ilustra muito bem a sua atitude. Falando sobre a questão de comidas oferecidas aos ídolos e da *observação de dias*, Paulo disse: *"Eu estou persuadido no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma impura, salvo para aquele que assim a considera; para esse é impura.... Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo"* (vv.14, 17). Enquanto isso, no Concílio de Jerusalém, Pedro também lutou contra o legalismo judaico (At 15.7, 10).

2. A Liberdade Cristã

Em 1 Coríntios 8-10, Paulo trata do mesmo assunto: *"Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus"* (10.31).⁵¹ Colossenses 2.20 é muito forte:

Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças: Não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilooutro, segundo os preceitos e doutrinas dos homens?... Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e falsa humildade, e rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade.

Na carta aos Gálatas, ele escreve: *"Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais de novo a jugo de escravidão"* (5.1). Na subseqüente lista das *obras da carne* (5.19-21), encontramos somente atitudes e ações diretamente proibidas na lei moral ou que implicam em uso exagerado de algo que é legítimo (como *glutonarias*).

Continuando com o raciocínio de Paulo, poderíamos parafrasear Romanos 14.3,13-23:

Tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão... Nenhuma coisa é de si mesma impura, salvo para aquele que assim a considera... Quem usa *adornos*, para o senhor os usa, porque dá graças a Deus; e quem não usa *adornos*, para o senhor não os usa, e dá graças a Deus. Porque o reino de Deus não consiste de *jóias, penteados, roupas chiques ou cosméticos*, mas de justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo... Quem usa *adornos* não despreze a que não usa; e a que não usa não julgue a que usa, porque Deus a acolheu... Seguimos as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros. Não destruas a obra de Deus por causa dos *seus adornos*... É bom não fazer qualquer coisa com que teu irmão venha a tropeçar (ou se ofender, ou se enfraquecer)... Bem-aventurada é aquela que não se condena naquilo que aprova. Mas aquela que tem dúvidas é condenada, *se usar*, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado.

B. A Capacidade Humana de Apreciar a Beleza é um Dom Divino

1. A Percepção da Perfeição

Em segundo lugar, não devemos nos esquecer nunca de que foi Deus quem nos deu a capacidade de reconhecer, apreciar e desejar a beleza, como também de criá-la,⁵² ainda que de maneira imperfeita e finita. Faz parte da imagem de Deus em nós, distorcida pelo pecado, mas ainda existente nos seres que ele criou. É através da beleza, da perfeição e da precisão de sua criação que ele comunica a sua existência, personalidade e glória a nós, seres humanos (Salmo 19). E, apesar da nossa distorcida apreensão moral, ele continua nos dotando com os cinco sentidos, com os quais podemos e devemos perceber e nos encantar com a perfeição de cores e simetria, melodia e harmonia, fragrância e aroma, leveza e maciez, sabor e doçura. Somente os seres humanos têm essas percepções. Todas essas qualidades podem ser personificadas numa única mulher, especialmente quando ela desenvolve os dois lados do seu ser – completando e aperfeiçoando a sua formosura e elegância exterior com a graça e excelência do seu espírito interior.

2. A Percepção da Imperfeição

Também faz parte da imagem de Deus em nós a rejeição inata, pelos nossos sentidos, das coisas imperfeitas — desbotadas ou assimétricas, destoantes ou desarmoniosas, malcheirosas ou sufocantes, grosseiras ou ásperas, insípidas ou amargas. A imperfeição e deformação nunca foram obra nem desejo de Deus. São resultados do pecado, do trabalho de Satanás no mundo. Ele nos mutilou não somente na alma, mas também na nossa aparência. É raro não termos algo desproporcional, torto ou até feio em nosso rosto ou corpo. E quando, porventura, nascemos e crescemos belos, em pouco tempo o clima, as doenças, os vícios e a velhice começam a devastar a nossa beleza. Alguém filosofou que "começamos a morrer no dia em que nascemos." Por isso, em Eclesiastes 12, Salomão alerta os jovens quanto à efemeridade da vida e à importância de dar valor ao seu relacionamento espiritual, descrevendo de maneira inesquecível e marcante a

triste deterioração do corpo que acompanha o envelhecimento.

3. O valor da beleza na Bíblia

É interessante notar que Deus inspirou Moisés a registrar que as esposas amadas pelos três pais da fé — os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó — foram todas lindas. Sara era *sobremaneira formosa* ao ponto de ser cobiçada por reis, Rebeca *mui formosa de aparência* e Raquel *formosa de porte e de semblante* (Gn 12.14; 24.16; 29.17). Enquanto isso, Lia tinha os *olhos baços* e a diferença na beleza física é a única razão (registrada, pelo menos) para o fato de que Jacó amou mais a Raquel do que a Lia — a quem até desprezou (Gn 29.17, 30, 31). Deus também deixou registrada a importância e o impacto que a beleza física de mulheres, esposas e noivas teve nos reis, como Davi e Salomão (1 Sm 25.3; 2 Sm 11.2; 1 Rs 11; Ct 1.10). Tudo concorre para indicar que os homens realmente refletem a capacidade divina de apreciar a harmonia e a estética da beleza externa e, também, que tendem a procurar e apreciar companheiras belas.⁵³

Na sua palavra, Deus usa o contraste entre a perfeição e a imperfeição física, tanto a estética quanto a corpórea, para ilustrar não somente a miséria do nosso pecado mas especialmente a beleza da nossa restauração espiritual. Já vimos a passagem em Ezequiel 16 em que Deus descreve como ele vestiu e adornou a mulher representando Judá, e como ele a deixou feia e nua por causa do seu pecado. E Paulo foi divinamente inspirado, na sua carta aos Efésios, a comparar a igreja que Cristo está preparando para si à maneira como muitas mulheres sonham ser na sua aparência externa, e que muitos homens almejam encontrar nas suas companheiras⁵⁴ — "gloriosa, sem mácula, sem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito" (Ef 5.27).

4. Roupas práticas, ou bonitas também?

Existe, portanto, na mente humana, a capacidade de imaginar e reconhecer a aparência ideal, bela ou perfeita. A aparência agradável, porém, é atingível numa infinita variedade de combinações por causa da criatividade do nosso Deus. Visualizamos essa criatividade não somente nos seres humanos mas também no resto da criação. É Jesus quem chama a nossa atenção para a beleza das flores no campo, falando, curiosamente, sobre a nossa preocupação com o que vestimos (Mt 6.28-30):

E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?

Jesus diz que podemos confiar em Deus para providenciar tudo que precisamos, inclusive as roupas. E ele nem nos leva a refletir sobre a utilidade dos nossos trajes no sentido óbvio e esperado de proteção contra nudez, calor e frio.⁵⁵ Em vez disso, ele fala da beleza das flores — uma beleza tão grande que tira o fôlego de qualquer um que realmente pára com o propósito de olhá-las, tanto de perto quanto de longe. E ele nos pergunta *quanto mais* não deveríamos esperar daquele que *veste assim* as flores que são tão transitórias e tão insignificantes em termos de valor real.

5. A Superioridade da Beleza Interior

Deus, portanto, criou e permite a beleza do universo e da humanidade. Faz parte da nossa natureza apreciá-la e querer estar na presença dela. Mas, muitas vezes, nós não a temos por completo e nem temos acesso a todos os recursos necessários para alcançá-la. Quando, porém, somos filhos de Deus, começamos a compreender que não foi apenas a beleza externa que foi corrompida pelo pecado. O nosso espírito — a nossa personalidade, o nosso caráter, as nossas atitudes — tudo ficou horrivelmente desfigurado com a queda de Adão e Eva. Isso afetou os nossos relacionamentos — tanto o vertical quanto os horizontais. A nossa redenção, a nossa volta à perfeição, começa internamente quando confessamos Jesus como nosso Salvador e Senhor. Deus espera que a nossa maior preocupação agora seja com o desenvolvimento e a expressão do nosso lado espiritual — *o homem interior do coração* demonstrando a sua *pietade* pelas *boas obras* (1 Pe 3.4: 1 Tm 2.10). O crescimento espiritual faz com que, apesar de sermos muito mais sensíveis à beleza que pode ser encontrada em tantas coisas e seres que nos cercam, somos capazes de apreciá-la sem fazer questão de tê-la. O *ter* e o *aparecer* não têm mais a mesma importância, exceto quando nos são úteis em nosso serviço ao nosso precioso Deus. E o mais maravilhoso de tudo é que ainda que a beleza externa humana não exista ou se desvança com o passar do tempo, a beleza interna pode crescer e dar expressão agradável ao corpo.

XI. O ADORNO DAS "MULHERES PIEDOSAS"

A. As Exortações de Paulo

Existia muita oposição entre os gregos aos seguidores do "Caminho." Os gregos que se mantinham através dos negócios que envolviam o culto aos ídolos se viam ameaçados com a pregação da adoração a um único Deus (At 19.23-26). Os judeus não queriam aceitar Jesus como o Messias e consideravam a pregação paulina como blasfêmia.⁵⁶ As mulheres romanas nas novas igrejas, estariam sendo coagidas por seus conterrâneos a prestarem culto também ao imperador Nero.⁵⁷ Em meio a tantas dificuldades, quando muitas estavam sendo hostilizadas por suas próprias famílias e comunidades, elas necessitavam desesperadamente de união espiritual.

Em vez disso, pode ser que Paulo estivesse notando que certas irmãs estavam fazendo com que as outras se sentissem desprezadas. Já que elas estavam acostumadas a se arrumar quando iam para algum lugar importante (acontecimento talvez raro na vida de muitas delas), agora estavam querendo levar essa prática para as reuniões semanais (e, às vezes, diárias) da igreja. Afinal, a sua fé agora era a coisa principal nas suas vidas. Enquanto algumas tinham que usar roupas e adereços bem simples por força de tradição ou de pobreza, outras estavam chegando aos cultos totalmente "produzidas" conforme o estilo da época, tendo gasto tempo e dinheiro, dos quais as outras não dispunham, com seus penteados, roupas e jóias. Possivelmente, os cultos em alguns lugares estavam começando a parecer desfiles de moda! E isso poderia levar àquela acepção de pessoas tão condenada anteriormente pelo apóstolo Tiago quando ele alertou contra a tendência que havia no ser humano de tratar com deferência àquela pessoa que andava "com anéis de ouro nos dedos, em trajes de luxo" e desprezar o "pobre andrajoso" que também havia entrado para participar dos cultos (Tg 2.1-2). Em vez de gastarem os seus esforços na demonstração de amor, bondade, generosidade e compaixão, algumas irmãs estariam ficando orgulhosas, vaidosas, invejosas, insensíveis. Outras não respeitavam mais a opinião dos seus familiares e irmãos com relação àquilo que seria decente ou modesto. Não queriam abrir mão da vontade e prazer de ter status aos olhos das pessoas que lhes cercavam. Estava sendo difícil compreender que a sua liberdade cristã terminava logo que

ela afetava o bem-estar de outras pessoas.

Paulo queria que elas entendessem que havia tempo e lugar para tudo. Isso não significava que as mulheres ricas tinham que andar com roupas de pobre ou alisar os cabelos toda vez que iam aos cultos.⁵⁸ Também não seriam obrigadas a prender os cabelos e os vestidos com enfeites de qualidade inferior. Simplesmente, era necessário que entendessem que elas tinham que parar de ser vaidosas. Não deviam estar se preocupando com luxo e ostentação, enquanto deixavam passar as oportunidades para servir a Deus e à comunidade cristã com boas obras.

Da mesma forma, as mulheres tinham que respeitar não somente as suas irmãs em Cristo, mas também os irmãos presentes nos cultos, tanto os solteiros quanto os casados ou viúvos. Tinham que vestir-se "*em traje decente,...com modéstia e bom senso*" (1 Tm 2.9).⁵⁹ Nada na sua aparência deveria desviar o pensamento dos irmãos (nem dos pastores) nem causar-lhes desconforto ou incômodo.

B. As Exortações de Pedro

Pedro, por outro lado, falou especificamente às *esposas*, judias e gentias. Algumas, com certeza, eram esposas ou filhas de pessoas que lidavam com produtos para o adorno. É interessante observar que o conselho sobre o exagero no adorno das esposas faz parte duma exortação sobre como "ganhar o seu marido descrente para Cristo." Ele começou dizendo (1 Pe 3.1-2):

Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vossos próprios maridos, para que, se alguns deles ainda não obedecem à palavra, sejam ganhos, sem palavra alguma, por meio do procedimento de suas esposas, ao observarem o vosso honesto comportamento cheio de temor.

Para muitas mulheres gentias, convivendo com a realidade da época em que era comum e aceito um homem ter uma amante e freqüentar casas de prostituição,⁶⁰ Pedro estava abrindo (e não diminuindo) o leque de possibilidades para elas ganharem os seus maridos, não somente para Cristo, mas também para si. Elas poderiam aumentar ou completar a sua beleza, esforçando-se para *adornar* a sua alma, sendo *submissas aos maridos* e tendo um *comportamento honesto*. Ao desenvolver um *espírito manso e tranqüilo* no seu lidar diário com esses homens, bons ou ruins, crentes ou descrentes, elas poderiam *esperar em Deus* pelo resultado, *sem temer perturbação alguma*.

Todas poderiam tirar ânimo de Sara, que fez isso quando seu marido, Abraão, resolveu (duas vezes) não *esperar em Deus* e entregá-la aos caprichos de homens perversos e pervertidos (Gn 12.10-20 e Gn 20).⁶¹ Pedro não ensinou aqui que elas deveriam se descuidar da aparência e arriscar a perda do amor ou do respeito dos seus maridos. Nada disso. Nem elas deveriam jogar fora os seus vestidos bonitos e suas jóias, insistindo com seus maridos que não mais podiam acompanhá-los aos jantares sociais. Elas ainda podiam e deviam enfeitar-se com o propósito de agradar os seus esposos, mas não para se ostentar a despeito da opinião deles. Pedro insistiu, não que o aspecto exterior devesse ser negligenciado, mas que agora o desenvolvimento do seu caráter, e o agradar aos seus maridos, deveria ser item prioritário nas suas vidas e fazer com que elas alcançassem uma beleza mais completa, duradoura e satisfatória.

Pode ter sido também que algumas mulheres estivessem enlouquecendo seus esposos

com a sua insistência em seguir a moda. Tinham que ter mais e mais dinheiro para comprar novos tecidos e jóias e, em vez de cuidarem das suas casas e famílias, gastavam seu tempo preparando e mantendo seus penteados e aparência. Seria realmente difícil para um marido daquele tempo dormir ao lado duma mulher tentando preservar um penteado igual a alguns que vemos nas estátuas da época! Podemos imaginar algum marido irado se queixando a Pedro sobre a sua experiência nesse sentido. Algumas simplesmente não estavam ligando mais para a opinião dos seus cônjuges, talvez por achar que não tinham mais autoridade por não serem crentes. Além disso, Pedro estava alertando-as de que as perseguições já em andamento iriam aumentar (com as perseguições de Nero, ver 1 Pe 4.12-19). Se elas se prendessem demais aos seus adornos e à sua posição social, não estariam prontas para renunciar a tudo por amor a Deus, na hora da provação.

CONCLUSÕES

A. A Mulher Cristã Pode se Enfeitar

Concluimos, então, que a Bíblia não apoia a proibição absoluta aos adornos femininos, nem nas duas passagens em questão e nem em qualquer outro lugar. Vimos que existem outras passagens que contêm comparações ou contrastes que necessitam receber uma leitura alternativa por representarem expressões idiomáticas semíticas. Examinamos as outras passagens sobre adornos e comprovamos que não contêm condenação. Verificamos o repúdio bíblico ao ascetismo e ao legalismo. Confirmamos que a apreciação do belo é algo que nos é dado por Deus. Percebemos que uma proibição não é compatível com o espírito e o exemplo de Paulo e Pedro. Assim sendo, podemos inferir que, nos textos principais examinados, realmente estamos lidando com uma peculiaridade de expressão idiomática-cultural, no contraste traçado entre os adornos exterior e interior, sem receio nenhum de estarmos torcendo a intenção das palavras inspiradas dos apóstolos.

B. A Beleza do Espírito Deve Ultrapassar a Beleza do Corpo

Mas não podemos nos empolgar demais com essa descoberta e esquecer que a parte mais importante (o "*especialmente*" ou o "*muito mais*") de ambos os versículos da controvérsia se encontra na outra metade. Há *dois tipos de adornos*, sim. Estabelecemos que não podemos dizer que um tipo está *errado* e o outro *certo*. Mas *o contraste continua existindo*, e esse contraste é entre uma *beleza exterior* e uma *beleza interior* ou entre um *adorno inferior* e um *adorno muito superior*. Todavia, não é interditando o primeiro que iremos chegar à plena realização do segundo.

C. Equilibrando as Duas Belezas

O nosso entendimento não deve, portanto, parar aqui, pois é exatamente esta compreensão (que a beleza interior é infinitamente superior à exterior) que torna uma comunidade cristã tão especial. Pessoas fisicamente feias ou deformadas são sinceramente respeitadas e amadas por seu caráter, dons e atitudes. Há lugar para todos. Não é preciso ser bonito, rico, elegantemente vestido ou adornado para ter aceitação entre nós.

Por outro lado, a beleza externa pode ser promovida e utilizada para glorificar a Deus, sempre dentro do contexto das palavras de Pedro — com *decência*, *modéstia* e *bom senso*. A beleza natural pode ser realçada, os defeitos ocultados, as marcas do tempo

atenuadas, as gorduras e celulites combatidas, as roupas serem modernas, elegantes e combinadas. Mas quando a mulher que se diz cristã gasta mais tempo, dinheiro e esforço com a sua aparência física de que com o desenvolvimento do "fruto do espírito" (como a *mansidão* e a *tranqüilidade* que Pedro cita), algo está muito errado!

D. O Desafio Continua

Agora que conhecemos a situação das mulheres que receberam as orientações de Paulo e de Pedro sobre os seus *adornos*, penso que podemos nos identificar muito melhor com elas e aplicar as lições que elas tiveram que aprender às nossas vidas também. Sentadas nos bancos das nossas igrejas brasileiras, há uma diversidade igualmente grande de mulheres e moças. Somos pobres, ricas ou de classe média... Somos analfabetas, letradas, empregadas, patroas, profissionais, donas de casa... Somos solteiras, divorciadas, casadas, viúvas... Somos morenas, indígenas, brancas, orientais... Somos nordestinas, nortistas, paulistas, cariocas, gaúchas, estrangeiras... Algumas são crentes novas, enquanto outras cresceram na fé. Várias têm que conviver com maridos ou parentes descrentes. Juntas, temos oportunidades incríveis para mostrar e sentir amor e tolerância de maneiras inéditas e preciosas.

Como elas, vivemos numa sociedade onde há leis mas nem sempre a justiça está ao alcance de todos. Podemos gastar o nosso tempo e dinheiro ajudando e aliviando os irmãos que não conseguem aquilo que deveria ser seu direito. O nosso mundo, como o delas, está cheio de oportunidades para servir a Deus. Bem presente em nosso meio, também, está a falta de valorização da vida humana demonstrada na violência nas ruas e nos lares das nossas cidades. Agora, como então, precisamos nos engajar na pregação e no ensino das verdades bíblicas para que possa ser revertida essa situação lamentável em nosso país, através de vidas transformadas para a glória de Deus!

Do mesmo modo, algumas pessoas que não tem nada a ver conosco, como as mulheres romanas na Ásia Menor, ditam o corte dos nossos cabelos, o comprimento, a cor e a marca das nossas roupas e até o formato aceitável das nossas bijuterias, cintos e sapatos. *Status*, auto-estima e aceitação para muitas mulheres estão diretamente ligados aos caprichos dessa minoria. Querem mandar em cada pormenor do nosso visual, e fazem com que nós nos sintamos culpadas e incompletas quando algo em nós ou em nossas filhas não está em conformidade com os modismos da época. Da mesma forma que as asiáticas sob a *pax romana*, estamos começando a gozar de estabilidade econômica, com uma crescente oferta de produtos e serviços nacionais e importados destinados a melhorar o nosso exterior.

E. O Nosso Desafio é Maior

Nem tudo é igual, entretanto. Antigamente, não existiam os meios de comunicação dos quais desfrutamos hoje em dia. Os convites e as oportunidades para o embelezamento eram mais infreqüentes. Atualmente, o fascínio com a aparência externa é generalizado numa sociedade que maximiza a realização pessoal e a "perfeição" do corpo humano numa maneira nunca vista antes. Somos bombardeados por todos os lados. Até nas filas dos supermercados, os nossos olhos caem nas capas das revistas e objetos colocados estrategicamente para nos chamar a atenção. Somos convidados a partilhar dos segredos de beleza e da forma física de alguma atriz ou personagem televisiva, ou a experimentar o mais novo produto para disfarçar ou eliminar algo em nós que sabemos não ser atraente. Confusas, corremos de um produto para outro, enchendo os nossos armários com um sem número de frascos e potes rejeitados quando ainda quase cheios, sem

coragem de colocá-los no lixo, pois isso confirmaria a nossa sensação de ter jogado dinheiro fora. Quando finalmente resolvemos comprar uma roupa ou um sapato para a nossa filha, ficamos estarrecidas em saber um mês depois que "ninguém mais usa isso, mãe!" É preciso, com certeza, muita sabedoria (e oração) para estabelecer os limites entre o necessário e o supérfluo e para saber quando, e o que, comprar ou fazer. Temos que ser cristãs criteriosas, exercendo bem a liberdade de escolha pela qual Paulo tanto lutou.

F. Corpo e Alma – a Serviço do Criador da Beleza

Quando realmente nos conscientizarmos de que existem valores superiores e que o nosso tempo e dinheiro são preciosas dádivas de Deus, daremos menos importância àqueles detalhes do nosso aspecto exterior que não podemos ou que talvez não devemos modificar, seja por razões financeiras, circunstanciais ou espirituais. Não conseguiremos mais passar horas a fio com cabeleireiros, manicuras ou em academias lutando *unicamente* para embelezar o nosso corpo enquanto muitos sofrem e morrem ao nosso redor. Mesmo assim, conseguiremos ser realmente lindas, felizes e realizadas com o desenvolvimento do nosso "adorno" interior — mesmo sendo imperfeitas, envelhecidas ou desgastadas externamente — se estivermos estudando e vivendo de acordo com o manual que o Criador da beleza nos deu para indicar e iluminar o caminho daqueles que o amam. Em contraste com muitas das nossas irmãs do passado, temos à nossa disposição não somente a Bíblia inteira como também acesso a inúmeras pessoas, cursos, livros e periódicos capazes de nos facilitar o crescimento espiritual.

De Paulo e Pedro aprendemos que não devemos deixar que haja luxo ou ostentação em nossa aparência que possa afastar ou entristecer alguma irmã. Não vamos gastar as nossas horas e economias para satisfazer apenas a nossa própria vaidade. Devemos ser *modestas* e *decentes* e assim não iremos prejudicar ou tentar os nossos colegas masculinos de trabalho ou de escola, ou os nossos irmãos e pastores na igreja, evitando o vestir e adornar a nós mesmas com o propósito de sermos "sexy" ou sensuais. Dedicemos os nossos corpos, inteiramente, ao Deus que nos deu propósito de vida e valor intrínseco e eterno. Usemos esses mesmos corpos para externar uma personalidade transformada por ele, com todas as qualidades que uma filha dele pode ter. Sejamos verdadeiras *filhas de Sara* (1 Pe 3.6), tendo o privilégio e a obrigação de procurar e complementar duas belezas legítimas enquanto nos esforçamos para cumprir a nossa missão terrena da melhor maneira possível, em gratidão àquele que nos "chamou das trevas para sua maravilhosa luz" (1 Pe 2.11).

"Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. *Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo*" (1 Co 6.19-20).

English Abstract

In this article, the author deals with the two portions of Scripture (1 Tm 2 and 1 Pe 3) that seem to specifically forbid external adornment for women. She points out the importance of a proper interpretation of these passages since both exhortations are woven into apostolic instructions as to the roles of men and women in worship and in the home. Therefore, if Christians are led to believe that God does not really forbid women to beautify their outward appearance (without scriptural substantiation for this deduction) then the next logical conclusion is that God perhaps does not mean what the texts appear to say about male leadership. Mrs. Portela proceeds to review the places in Scripture

where adornments appear, pointing out their customary use by God's servants and even by the Creator himself when he wished to illustrate the extent of his love for his people. Subsequently, she points out that in many places in Scripture, the inspired writers and speakers used the usual Semitic manner of comparing and contrasting in which a negative is used but not understood (v.g., Genesis 45.4,8 and Luke 14.12). This may be applied to the verses in debate so that the affirmations become a contrast between an inferior and a superior adornment rather between one that is forbidden and another that is acceptable. She continues by pointing out that a specific prohibition of women's adornment does not fit in with the teachings of Paul and Peter, for they severely criticize and combat any form of legalism or asceticism. Furthermore, she establishes that the capacity to recognize, appreciate and desire beauty through the five senses continues to be a gift from God. She concludes that the apostles were not prohibiting external adornment but were warning against ostentation, immodesty and indecency. They were encouraging a perspective which only those who love God can have, in which the concern for the outward appearance becomes secondary to the development of the much more lovely and enduring fruit of the spirit — the inner adornment — of good works and considerate relationships, both within the home and in the church.

NOTAS

1 A pesquisa inicial que resultou neste ensaio atendeu a uma necessidade real e não meramente acadêmica. Foi em resposta a um pedido de socorro de uma amiga a respeito desse assunto. Ela considerava-se uma crente fiel e era supervisora entusiasmada de um grande número de vendedoras de cosméticos. Depois de anos de oração pela conversão do marido, Deus concedeu o seu pedido. Ele aceitou a Cristo com muita alegria e acolheu com entusiasmo as doutrinas da igreja na qual se converteu. Foi então que surgiu entre eles um desentendimento maior do que qualquer um anterior à sua conversão. Com a Bíblia na mão, ele começou a sugerir que ela deixasse a sua profissão e que ela mesma parasse de usar os seus cosméticos, como também as bijuterias, as calças compridas... Chorando, ela nos telefonou, querendo saber se ele tinha mesmo razão na sua interpretação.

2 2 Reis 9.30. Jezabel, mulher extremamente má, *se pintou em volta dos olhos, enfeitou a cabeça...* e foi jogada da janela pelos seus próprios servos.

3 Exemplos: A. Maude Royden, *The Church and Woman* (Nova York: George H. Doran, 1925?); Ruben Duffles Andrade, *A Mulher na Igreja* (São Paulo, 1995) – manuscrito não publicado; Zélia Fávero Maranhão, *O Erro Monumental da Igreja Cristã* (São Paulo, 1994).

4 Os mesmos homens merecem tremendo respeito e a eterna gratidão de todos na igreja cristã por seus esforços em outras áreas e até pelo desenvolvimento correto da perspectiva bíblica sobre os papéis distintos do homem e da mulher na igreja e no lar. Mas, ao tentar responder à amiga que solicitou o ponto de vista bíblico sobre adornos, foi muito frustrante verificar, enquanto pesquisava, que os comentaristas mais conceituados do passado (e alguns do presente) nunca tentam explicar os textos considerando um possível interesse feminino no assunto. Eles acatam as aparentes proibições friamente e depois passam páginas inteiras explicando o significado de *modéstia*, *decência* e, especialmente, *submissão*. Não preparam os pastores, que procuram compreender as passagens pela leitura dos seus comentários, para responder às "Priscilas" nas suas igrejas que são capazes de compreensões e deduções teológicas e que perguntam, por

exemplo, sobre as outras passagens que falam sobre adornos. O tratamento antigo mais caridoso encontrado foi de Barnes (1798-1870). Ver Albert Barnes, *Barnes' Notes on the Old and New Testaments: Psalms* (Grand Rapids: Baker Book House, 1964), 1135, 1415.

5 John Piper e Wayne Grudem, *Homem e Mulher* (São José dos Campos: Editora Fiel, 1996), 14-19. Esse livro tem um excelente tratamento sobre a perspectiva bíblica da masculinidade e da feminilidade, apontando também muitas coisas que a masculinidade madura *não* devem significar.

6 Os homens devem ter *consideração* para com as mulheres, tratando-as com *dignidade* como *herdeiras da mesma graça* (1 Pe 3.7).

7 Filo, *As Leis Especiais*, I, 201 (ênfase minha).

8 Talmude, *Menahoth* 43-44. Não temos certeza se os judeus já estavam orando assim nessa época, mas a oração não destoa dos seus outros ensinamentos (extra-bíblicos) a respeito de mulheres.

9 "Temple, Jerusalem," em *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible* (Grand Rapids: Zondervan, 1975), V, 650.

10 "Potinhos e apetrechos para pintar o rosto, feitos de osso, marfim ou metal, assim com espátulas para espalhar cosméticos" estão entre os objetos mais encontrados nas escavações arqueológicas dessa época na Palestina, evidência de que eram usados regularmente pelas mulheres judias. Ver Henri Daniel-Rops, *A Vida Diária nos Tempos de Jesus* (São Paulo: Vida Nova, 1986), 197-198. No mesmo trecho, Daniel-Rops conta que no tratado *Shabbath* do *Talmude* (c. 35 DC), a norma "mais desagradável para as mulheres era com certeza aquela que impedia que trançassem, encrespassem ou pusessem fitas e ornamentos no cabelo no dia de descanso" (adornar-se era considerado "trabalho" – outra indicação de que era permitido em outros dias e ocasiões).

11 Tertuliano, *O Véu das Virgens*, Cap. 12.

12 Cipriano, *A Vestimenta das Virgens*, Cap. 12. No Cap. 8, ele cita as passagens em debate.

13 Jerônimo, *Carta 54*, 7.

14 Sem entrar em pormenores, partimos do ponto de vista de muitos expositores conceituados (Hendriksen, Tenney, Machen, Ryrie, Lenski, Guthrie, Grudem...) de que Pedro e Paulo foram os autores de 1 Pedro e 1 Timóteo. Também que Pedro mandou a sua carta de Roma e que Paulo escreveu a sua para Timóteo talvez da Macedônia, antes de ser preso e levado a Roma pela segunda vez. Isso explica por que Lucas, no livro de Atos, não se refere à presença de Pedro em Roma e por que Pedro não menciona Paulo juntamente com as saudações de Marcos (1 Pe 5.13).

15 1 Timóteo 1.3. Ver C.C. Ryrie, *A Bíblia Anotada* (São Paulo: Mundo Cristão, 1994), 1515.

16 A mãe, duas esposas e várias mulheres que recusaram os seus avanços – ou os maridos delas – foram forçadas a cometer suicídio ou morreram envenenadas ou pela

violência de Nero. Suetônio, *Vida dos Doze Césares: Nero*, 32-37. O historiador Suetônio (c. 70-130 DC) é uma das fontes mais citadas sobre a vida de Nero. A outra é Tácito (c. 55-117 DC).

17 Além de ser cidadão romano era preciso, muitas vezes, ser rico, famoso ou poderoso e viver agradando os caprichos dos governantes para poder ter os direitos defendidos num tribunal. Até uma leitura superficial dos escritos de Tácito e Suetônio impressiona pela quantidade de pessoas ilustres que foram forçadas a se suicidar por Nero, inclusive o estadista e filósofo estóico Sêneca (Tácito, *Anais*, V, 60-64).

18 Edith Hamilton, *The Roman Way to Western Civilization* (Nova York: Mentor Books, 1959), 110-111. "A engenhosidade humana em inventar novos e mais divertidos tipos de carnificina finalmente se esgotou e o único recurso que sobrou para agradar os espectadores impacientes foi aumentar o número de participantes".

19 Suetônio, *Doze Césares*, VI, Nero, 38; Tácito, *Anais*, XV, 38-44.

20 De acordo com o historiador Eusébio, Pedro foi crucificado de cabeça para baixo e Paulo decapitado. *Zondervan Pictorial Encyclopedia*, V. 4, "Paul, the Apostle," 654; "Peter, Simon", 739.

21 Suetônio, *Doze Césares: Nero*, 30.

22 Não incluídas estavam a Lícia, a Panfília e a Cilícia. *Encyclopaedia Britannica* (Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1971), V. 2, "Asia Minor," 605.

23 *Zondervan Pictorial Encyclopedia*, V. 1, "Asia," 364.

24 *Funk & Wagnalls New Encyclopedia* (Nova York: Funk & Wagnalls, 1979), V. 20, "Renaissance," 220. Hamilton diz (nos anos 30): "A nossa era mecânica e industrial é a única realização que pode ser comparada às da Roma durante os 2000 anos que se passaram." *Roman Way*, 151.

25 Como Homero e Heródoto, Esopo, Hipócrates e Galeno, Asclepiades, Pitágoras, Hipodamus de Mileto, observação substanciada em extensa pesquisa da autora.

26 Exemplos: a *Vênus de Milo*, o *Gaulês Moribundo* e a *Nike de Samotrácia*. *Enciclopédia Britânica*, V. 10, "Greek Art," 848.

27 Eram o *Templo de Ártemis* em Éfeso, o *Colosso de Rodes* e o *Mausoléu de Halicarnasso*. Funk & Wagnalls, V. 21, "Seven Wonders of the Ancient World," 270.

28 *Zondervan Pictorial Encyclopedia*, V. 3, "Lystra," 1015.

29 *Zondervan Pictorial Encyclopedia*, V. 1, "Aquila and Priscilla," 232; Michael Green, *Evangelism in the Early Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), 222-3.

30 *Zondervan Pictorial Encyclopedia*, V. 1, "Apphia," 227; William Hendriksen, *Colossians and Philemon* (Grand Rapids: Baker, 1964), 193.

31 *Enciclopédia Britânica*, V. 19, "Roman History: II. The Empire," 536 cita a opinião do

famoso historiador Edward Gibbon de que a humanidade nunca foi mais feliz do que nesse período.

32 *Zondervan Pictorial Encyclopedia*, V. 1, "Cloth," 893; V. 5, "Thyatira," 743.

33 Funk & Wagnalls, V. 8, "Embroidery," 492.

34 O governador romano Pôncio Pilatos foi morar na Palestina acompanhado por sua esposa (Mt 27.19) e Germânico, avô do imperador Nero, sempre esteve acompanhado pela esposa (e filhos) em todas as suas campanhas militares, inclusive na Ásia Menor (Tácito, *Anais*, Livro I, 40; Livro II, 54).

35 Algumas eram judias cristãs recém-chegadas após terem sofrido violentas perseguições pelos seus conterrâneos na Palestina que rejeitavam a nova "seita". Estavam tendo que conviver com línguas e costumes novos e estranhos e, enquanto as mais velhas provavelmente zelavam pelas tradições antigas, as mais novas estariam sendo tentadas a assimilar as novidades do seu lar atual. Mas, como vimos (nota 10), elas tinham as suas roupas bonitas, jóias e cosméticos.

36 Green, *Evangelism in the Early Church*, 118-119.

37 Por exemplo: Êxodo 29 e Levítico 22.

38 Ralph Woodrow, *Women's Adornment: What Does the Bible Really Say?* (Riverside, CA: R. Woodrow, 1976), 17.

39 I. Howard Marshall, *The Gospel of Luke: A Commentary on the Greek Text*, The New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1978), 583. Comentando uma outra passagem (Lc 10.20), na qual Jesus falou aos setenta discípulos que voltaram alegres porque os demônios estavam sendo expulsos por eles, dizendo "*Alegrai-vos, não porque os espíritos vos submetem, e, sim, porque os vossos nomes estão arrolados nos céus*," ele esclarece: "O que foi dito provavelmente deve ser interpretado em termos de uma expressão idiomática *semítica* que significa, 'Não vos alegréis primariamente porque... mas muito mais porque...' (ver ainda 12.4; 14.12; 23.28; Jr 7.22; Os 6.6; 1 Co 1.17; Mt 10.20; Mc 9.37; Jo 7.16; 12.44)". Outro autor fala de *semitismos* no uso de antônimos referindo-se a Mt 10.37 e Lc 14.26 — Walter C. Kaiser, Jr., *Towards Old Testament Ethics* (Grand Rapids: Zondervan, 1983), 252. Podemos considerar, portanto, que existem negativos de *exclusão* e negativos de *priorização*, cuja identificação é extremamente importante para o correto entendimento do texto.

40 Barnes, *Notes on the Old and New Testaments: Psalms*, 90.

41 Na nossa própria experiência, como filha de pais holandeses radicados no Canadá depois de adultos, temos verificado a persistência de construções gramaticais características da língua holandesa no modo de expressar-se da geração imigrante, ainda após trinta, quarenta ou até cinqüenta anos de familiaridade com a língua inglesa, especialmente por aqueles que continuam convivendo nas igrejas reformadas de origem holandesa.

42 H.D.M. Spence e Joseph S. Exell, eds., *The Pulpit Commentary*, V. 22 (Grand Rapids:

Erdmans, 1980), 129, comentam sobre 1 Pedro 3.3 dizendo que Pedro estava utilizando um "hebraísmo comum". Woodrow, *Women's Adornment*, fala de "Hebrew idiom" — uma "expressão idiomática hebraica." Preferimos a terminologia de Marshall (nota 14), que se refere a uma "expressão idiomática semítica," por ser mais ampla, já que estamos tratando do *hebraico e do aramaico*.

43 Josué A. de Oliveira, *A Mulher nos Planos de Deus* (São Paulo: Cultura Cristã, 1989), 96-123. Gordon D. Fee, *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo, 1 e 2 Timóteo, Tito* (Deerfield, FL: Editora Vida, 1994), 81. "Há grande agregado de evidências, tanto helenísticas quanto judaicas, que fazem os 'vestidos dispendiosos' das mulheres equivaler à leviandade sexual, ou à insubordinação conjugal". Ele cita uma frase antiga: "Uma esposa que gosta de adorno não é fiel." *Sextus*, 513.

44 Exemplo: J.N.D. Kelly, *I e II Timóteo e Tito: Introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1963), 69.

45 Ver Nota 3.

46 A.T. Hanson, *The Pastoral Epistles: New Century Commentary* (Grand Rapids: Erdmans, 1982), 6-7, duvida da autoria de Paulo.

47 Simon J. Kistemaker, *New Testament Commentaries: Exposition of the Epistles of Peter* (Grand Rapids: Baker, 1987), 120. George H. Cramer, *First and Second Peter* (Chicago: Moody Press, 1967), 47, e H. A. Ironside, *Timothy, Titus and Philemon* (Neptune, NJ: Loizeux Bros, 1947), 66, e muitos outros, especialmente os que comentam ao nível de leigos, declaram impossível a proibição de adornos; também senhoras consagradas como Eugenia Price, *De Mulher para Mulher* (São Paulo: Mundo Cristão, 1987), 69.

48 William Hendriksen, *I-II Timothy and Titus* (Grand Rapids: Baker, 1972), 105-106.

49 Com uma exceção que pode ser explicada. No primeiro concílio eclesiástico da igreja nascente (Atos 15), os apóstolos reunidos em Jerusalém incluem a *abstenção das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue e da carne de animais sufocados* nas suas orientações aos gentios recém-convertidos (v. 29). Paulo, posteriormente, partindo da realidade vivida nos países fora da Palestina onde era extremamente difícil verificar se algo havia sido sacrificado a ídolos antes de ser vendido, reavalia a situação e dá novas orientações (Rm 14). Van Groningen diz que essa passagem de Atos 15 representa "uma aplicação temporária de uma verdade moral e perpétua a uma igreja numa situação histórica específica e temporária". G. Van Groningen, *The Sabbath Sunday Problem* (Geelong, Australia: Hilltop Press, 1968), 15.

50 A maioria dos subseqüentes Pais da Igreja durante os primeiros séculos teve problemas em seguir esse preceito. O dualismo grego já anteriormente adotado pelos judeus helenísticos, em que o corpo representava o maligno e o espírito o divino, lhes era muito atraente. Tertuliano (c. 150-220 DC) disse que Paulo ensinou que era "'BOM que o homem não toque mulher.' Segue que o MAL consiste em tocá-la, pois não há nada contrário ao bom além do mal" (*Sobre Monogamia*, Capítulo 3). A falta de continência que resultava em casamento era para ele uma "enfermidade" tolerada mas não aprovada por Deus. Cipriano (c. 250 DC) concluiu que a recompensa celestial das virgens era altíssima (sessenta por um – superada apenas pela dos mártires – cem por um), pois o dom da continência era ensinado por Paulo, e a virgindade enaltecida (*A Vestimenta das Virgens*,

21,4). *Essa atitude levava, automaticamente, à condenação total do uso de adornos* – já que esses fariam a mulher mais atraente e levariam a situações de tentação (*Ibid.*, Capítulo 5). Os Pais da Igreja gastaram muito mais tinta e papel com recomendações às virgens do que para as esposas, pois, para a maioria deles, essas já se encontravam num estado espiritual de segunda categoria.

51 Machen diz, "O problema básico da conduta cristã é como aplicar os princípios elevados do evangelho à rotina da vida diária. Não é possível resolver detalhadamente esse problema para homem nenhum, pois os detalhes da vida são de uma variedade infundável; mas o método para a solução está em 1 Coríntios. J. Gresham Machen, *The New Testament: An Introduction to its Literature and History* (Edimburgo: Banner of Truth, 1976), 132.

52 Hendriksen, *I-II Timothy and Titus*, 106.

53 É verdade que houve complicações sérias nas vidas de todos eles por causa da importância extrema dada à *beleza externa*, por eles ou pelos outros. Não havia nesses casos a apreciação apropriada da *beleza interior* que Paulo e Pedro tanto destacaram nos seus textos, e eles sofreram as conseqüências. Destacamos, porém, que o homem não mudou, e que continua sendo natural ele apreciar a beleza externa nas representantes do sexo feminino. Esse fato se faz importante ao avaliarmos a legitimidade dos adornos femininos.

54 Por mais que homens crentes sejam consagrados a Deus e prontos para seguir a sua liderança na escolha da sua esposa, é a minha opinião que não há dúvida que eles primeiro olham as moças formosas de porte e de semblante (como Raquel em Gn 29.17). Eu mesma tenho 99% de certeza que meu próprio marido (que já se destacava pela fidelidade a Deus e que recebeu dele uma apreciação muito especial pela ordem, lógica, simetria e beleza da criação) não teria procurado conhecer e namorar uma estrangeira do outro lado do mundo se ela não lhe chamasse primeiro a atenção pela aparência externa que Deus permitiu que tivesse naquela época. (É o mesmo foi verdade para mim. É o Senhor Deus que vê primeiro o coração, mas o homem enxerga primeiro o exterior – 1 Sm 16.7). Por isso mesmo, nestes dias em que casamentos não são mais arranjados pelos pais, penso que Deus dá todo direito às moças que querem encontrar um marido cristão a se completarem e aperfeiçoarem com os adornos e cosméticos que lhes competem, com bom senso e modéstia, não no sentido de enganar, iludir ou ludibriá-lo, mas para que ele possa dar suficiente atenção a elas para perceber as suas outras qualidades mais duradouras e mais valiosas.

55 Edith Schaeffer, *Hidden Art* (Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1977), 182-186. Edith Schaeffer foi esposa e colaboradora do já falecido filósofo e teólogo Francis Schaeffer. Depois de descrever, com detalhes minuciosos e lindos, seu prazer na grande beleza e variedade de cores, texturas e formas das flores que conhece, ela declara que é importante que o cristão viva estética, artística e criativamente, representando nas suas roupas aquele que desenhou, criou e vestiu as flores. Questiona se o Criador, que declara que seus filhos são ainda mais importantes do que essas belas flores, os obriga a esperar e procurar apenas roupas monótonas, sombrias ou feias das mãos dele.

56 Os judeus recém-convertidos devem ter sofrido muito com o preconceito e a oposição dos seus familiares e amigos nas comunidades em que viviam. Basta examinar com cuidado os relatos da primeira passagem de Paulo pelas cidades da Ásia Menor. Foi expulso de Antioquia da Pisídia (At 13.50) e apedrejado tanto em Icônio quanto em Listra

(At 14.5, 19) por causa da oposição dos líderes judaicos.

57 Trabalho dos "asiarcas" citados no mesmo capítulo (19.31). A sua função principal era cuidar da adoração ao imperador e a Roma na província da Ásia (*Zondervan Pictorial Encyclopedia*, V. 1, "Asiarchs," 365).

58 Apesar de ser evidente que Paulo está falando especialmente sobre as mulheres nos cultos, nota-se que aquilo que é contrastado ao adorno externo são as *boas obras* (1 Tm 2.10), que seriam praticadas mais fora do que dentro da igreja per se. Assim sendo, as orientações são mais amplas, ao nosso ver.

59 Hendriksen, *I-II Timothy and Titus*, 105-106 diz que "*modéstia* indica um *senso de vergonha*, um recusar-se a ultrapassar os limites da propriedade, uma *reserva apropriada*. *Bom senso* literalmente significa *sanidade mental* ... vestir-se com *sensatez*". Ele argumenta contra a tradução *com decência* e sugere que a mais correta seria *em trajes de adorno* (não por discordar que a *decência* também seja requerida por Deus das mulheres cristãs, mas porque acredita que Paulo estava alertando contra o exagero e não contra o adorno em si).

60 "Mantemos amantes para o nosso prazer, concubinas para o concubinato diário, mas esposas nós temos para produzir filhos legitimamente e para ter uma guardiã de confiança da nossa propriedade doméstica." O orador Demóstenes em *Contra Neaera* em *Athenaeus of Naucratis, The Deipnosophists, Book XIII: Concerning Women* (Loeb Classical Library, 1937). Internet: <http://user42.blue.aol.com/heliogabby/deipnon/deipnon.htm>.

61 Não é disso, certamente, que a maioria dos homens se lembra quando pensa em Abraão, mas é o que vem primeiro à mente de muitas mulheres quando pensam no relacionamento de Sara com ele. Junta-se a isso o fato de o amor de Abraão por Sara não ter feito com que ele se recusasse a dormir com Hagar (Gn 16.1-4) e temos um prato cheio para qualquer estudo feminino contemporâneo sobre esse casal patriarcal. Penso que esses acontecimentos e o registro da intervenção divina livrando e abençoando a Sara após todos os três vinham (e vêm) à mente das mulheres (até de homens crentes) que liam (e lêem) as palavras para esposas de maridos que *não obedecem à palavra*. Em contrapartida, ninguém duvida de que Sara se enfeitasse (nota 51) e assim o seu exemplo seria apenas no segundo tipo de adorno – o adorno superior – o *homem interior do coração*.